

Se a Mediunidade Falasse 7

CONSOLADOR



GRUPO
MARCOS

CONSOLADOR

SE A MEDIUNIDADE FALASSE 7

GRUPO MARCOS



SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	v
1. Evangelho e Consolador	1
2. O Livro dos Espíritos: Uma Forma de Compreender a Vida	14
3. O Método Criativo de Allan Kardec	26
<i>Sobre a Série</i>	39
<i>Conheça o Grupo Marcos</i>	43
<i>Coordenador do Grupo Marcos</i>	45
<i>Outras Obras</i>	47
<i>Contato</i>	49
<i>Notes</i>	51

PREFÁCIO

Querido amigo,

A chegada do Consolador ao mundo foi um dos acontecimentos mais significativos da história do orbe terreno, à semelhança da vinda do Cristo, em que, apenas séculos depois, os céticos passaram a ter “olhos de ver” para reconhecerem a importância inegável da presença do governador do mundo, entre os homens necessitados. Agora, porém, os tempos são outros, não sendo mais necessários séculos para reconhecer o profundo consolo, orientação e amparo que o Cristo nos enviou, por meio de Allan Kardec e dos Espíritos da codificação, aos homens de boa vontade!

Por meio do Espiritismo, o Cristo aponta as angústias da alma, trazendo a compreensão profunda de nós mesmos. Ante o sentimento de solidão, ensina a doação de nós mesmos; ante as angústias das provas materiais, ensina a resignação ativa e operante.

Amigos! A vida se apresenta, lógica e bela, a todos os que, tornando-se pequenos, são capazes de ver, sentir e tocar as realidades poderosas do Espírito e o manancial de amor que o Pai depositou em cada um de seus filhos que, querendo ou não, são partícipes da Criação, de um universo grandioso e infinito.

Prefácio

Que o Consolador toque seus corações e os tornem aptos a viver as grandes revelações do futuro.

Paz,

Ivan de Albuquerque.

EVANGELHO E CONSOLADOR

Felipe dorme com tranquilidade e, fora do corpo, resolve percorrer todos os aposentos de sua casa. “Quem sabe não encontro algum Espírito necessitado, que eu possa ajudar?” – pensa. E é assim que vê um vulto, ao lado da cama de sua mãe, aproximando-se para ver quem é. Que alegria! É o seu avô, Juvenal, que o cumprimenta com um sorriso.

— Vô, você não veio me ver também? – pergunta Felipe, feliz com aquele encontro.

— Soube de seus estudos no Colégio Allan Kardec. Estou muito feliz com isso. Mas, como soube também que sua mãe estava precisando de ajuda, deixei para falar com você depois.

— Mas o que ela tem? Não sabia de nada... – fala Felipe.

— Meu neto... Ela não tem nenhum problema grave, mas precisa de uma companhia que a ajude a suportar a solidão. Desde que seu pai partiu, antes de você nascer, ela mantém muita mágoa dele, e isso a faz se sentir solitária – explica Juvenal.

— Mas... O que eu posso fazer para ajudá-la?

— Continue sendo um filho atencioso, e nunca deixe de fazer o **Evangelho no Lar**. Graças a ele, pudemos afastar Espíritos que tramavam influenciá-la para o suicídio.

— Nossa, eu não sabia disso! – fala Felipe, impressionado com aquela informação.

— É verdade, mas você já sabe de tudo? – pergunta o avô, com bom humor, para então explicar, com carinho: Meu neto, nunca sabemos a extensão do que plantamos. O bem se propaga em todas as direções. Uma prece sincera por alguém pode mudar a vida de uma pessoa e, às vezes, séculos depois, somos ajudados por quem ajudamos, e nem nos lembramos disso. O Evangelho no Lar, realizado com devoção, do jeito que você faz, gera bênçãos para milhares de Espíritos, que um dia serão gratos pela ajuda dada.

— Nunca imaginei que isso fosse tão importante!

— Ora, é por isso que Espíritos superiores não gostam de perder tempo. Eles aproveitam todo o tempo possível para plantar o bem! Pensam no futuro – deles e da Humanidade. Cada ato de bondade sincera se multiplica, meu neto.

— Que interessante!

— Agora vá! Eurípedes é sempre pontual.

— Você conhece Eurípedes? – indaga Felipe.

— Quem não o conhece?! – fala o avô, com respeito, e orienta: Estude com ele e aproveite o tempo. Ele é um exemplo elevadíssimo. Sua última encarnação foi acompanhada pelas esferas mais elevadas da Terra. Ele é o modelo da Nova Geração. O mestre de Sacramento não fundou apenas um colégio material; ele instituiu a referência real do verdadeiro médium e intelectual espírita. Sua visão social será a do movimento espírita do futuro. E você está envolvido nisso... – conclui, com descontração.

Abraçam-se e Felipe parte, enquanto o avô “desperta” a mãe de Felipe, com carinho, para poder conversar com ela.

O curso sobre Espiritismo será no primeiro andar e isso, para Rivalina, Eclésio, Astrobrito e Romildo é um grande desafio. Felipe os auxilia a subir. Em seguida, enfrenta o próprio desafio, indo ao quarto andar, onde assistirá o curso, por meio de uma projeção.

Cairbar Schutel, o destemido divulgador do Espiritismo do século XX e amigo de Eurípedes e Bezerra, à época do Cristo, ministrará a primeira das três aulas.

Trinta minutos antes do início, todos, inclusive o professor, estão

sentados em silêncio. Depois do silêncio que eleva, após a prece inicial, afirma Cairbar:

— A distorção da mediunidade é um dos mais graves problemas da história humana. O distanciamento entre o mundo da matéria densa e o da matéria sutil afeta profundamente a ciência, a filosofia, a religião e o psiquismo do ser humano. Na atualidade, dentre as graves consequências do bloqueio da comunicação mediúnica, temos o vazio existencial, o que induz ao consumismo, à vulgaridade e ao suicídio. Contam-se aos milhões o número de Espíritos, encarnados e desencarnados, que, se tivessem tido contato com a espiritualidade superior, teriam evitado as tragédias infelizes que hoje os obrigam a uma vida inferior e repleta de angústias. Semanalmente, os espíritos do mundo socorrem milhares desses irmãos desventurados. Contudo, os espíritos encarnados ainda não são capazes de entender que essa atividade de socorro deveria torná-los mais abnegados, honrados, cristãos.

O professor faz silêncio, olha para todos nos olhos, e afirma:

— Por isso, este curso é direcionado a vocês, os espíritos fracassados, que tiveram a coragem de assumir novas responsabilidades e sabem que têm, neste momento, sua última chance na Terra.

Aguarda algum comentário e, ante o silêncio de todos, continua:

— A dificuldade de aceitação da Verdade pelos corações orgulhosos é de todos os tempos. O próprio Cristo teve de lidar, quando encarnado, com Espíritos que carregavam esse tipo de revolta íntima. Porém, sempre existiriam aqueles que entenderam e viveram a mensagem da libertação espiritual. João Batista, ao ouvir falar de Jesus, envia-lhe dois discípulos para indagarem-lhe se “Ele é o que havia de vir”, quer dizer, o Cristo, o enviado de Deus. Responde o Mestre aos discípulos de João Batista: “Ide e anunciai a João as coisas que ouvís e vedes: os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados e é anunciado o evangelho aos pobres. **E bem-aventurado é aquele que se não se escandalizar em mim.**”, conforme registrou o apóstolo Mateus (11:4-6).

Estamos em um momento semelhante na atualidade. Os fenômenos mediúnicos se multiplicam, como anúncio da instituição do Reino de Deus no mundo. Cada um deverá decidir se agirá como João Batista, aceitando sua tarefa e apagando-se, para que o Mestre cresça, ou como

Pilatos que, por não querer perder o posto de poder, mesmo sem odiar Jesus, foi responsável por sua crucificação. Desta vez, os novos crucificadores de nosso Mestre não mais permanecerão no mundo, mas amargarão o “choro e o ranger de dentes”, em mundos compatíveis com a dureza de seus corações.

Cairbar prossegue:

— Para auxiliar aqueles que facilmente têm a tendência a se escandalizar com o Cristo e com o Consolador, pautaremos nosso estudo estritamente nas obras de Allan Kardec publicadas no mundo da matéria densa.

Desejamos que isso auxilie aos duros de coração; que eles reconheçam a própria pequenez ante o Cristo e aceitem, como João Batista, apagarem-se para que a obra do Bem possa florescer – conclui o professor.

A sinceridade e ousadia de nosso professor é sempre um belíssimo espetáculo para os que amam a Verdade. Abre-se imensa tela e assistimos algumas cenas reais da vida de Allan Kardec.

Vê-se o processo de recepção de **O Livro dos Espíritos**, em reuniões em diferentes residências por meio da escrita indireta com a cesta de bico: um lápis, amarrado em uma cesta, escreve as respostas dos Espíritos, sem que elas toquem nele.

Em seguida, é apresentado um dia muito especial para a humanidade: 18 de abril de 1857, em um sábado de primavera, em Paris.

Pela manhã, chega à livraria Dentu, transportada em uma carroça, a primeira edição de **O Livro dos Espíritos**. Para muitos, era apenas mais uma obra, da mesma forma que muitos não se deram conta de quem era o menino Jesus. À noite, uma pequena recepção é organizada pelo casal Rivail, o apartamento é pequeno, de cerca de quarenta metros quadrados, em que caberia vinte pessoas; mas havia mais.

As imagens prosseguem.

Assiste-se a colaboração de médiuns de diversas idades. Ermance tem dezesseis anos, vivencia os fenômenos mediúnicos desde os doze, é uma das médiuns por meio das quais o Espírito Verdade (Jesus), guia espiritual de Allan Kardec, se comunicará com ele. Essa jovem irradia uma luz serena e tranquila, que caracteriza os Espíritos que muito já sofreram e, por isso, conquistaram inabalável paz interior. Pudessem

Felipe ver o quadro espiritual dessa reunião, em que o próprio Cristo participou, ficaria em êxtase; mas, em tudo, o mérito do esforço próprio.

As imagens cessam. O professor pergunta:

— O que mais chamou a atenção de vocês?

— A idade de Ermance. É difícil aceitar que uma menina tão jovem possa ser médium com tamanha responsabilidade – diz Rivalina.

— Mas isso não deveria ser motivo de surpresa para os espíritas. Nos registros históricos, Joana d'Arc começou suas experiências mediúnicas de forma mais direta aos doze anos; Francisco de Assis e Antônio de Pádua, ainda na adolescência. No Brasil, como modelos de exercício ético da mediunidade – o que significa desinteresse material e moral, com ausência de vantagens para o ego, como a autopromoção e a exibição – temos Yvonne Pereira, que iniciou a vidência e audiência antes dos seis anos e a psicografia aos doze anos. Também temos Francisco Xavier, que mostrou ter vidência e audiência aos quatro anos e realizou uma psicografia, na sala de aula, na frente dos amigos e da professora, aos doze anos. Aqui, em nossa assembleia, temos exemplos de Espíritos que deveriam ter utilizado a mediunidade desde a adolescência para se espiritualizar, mas não iniciaram por não terem tido o apoio dos adultos. E, infelizmente, quando se tornaram mais velhos, foram verdadeiros negadores da mediunidade.

Não negavam a mediunidade na teoria; *negavam-na na prática*. É o caso de Romildo, que vivenciara fenômenos mediúnicos patentes desde os dezoito anos e de Eclésio, desde os doze. **Mediunidade não é sinal de evolução. É sinal de necessidade de espiritualização. Negar acesso a cursos sérios àqueles que desejam se espiritualizarem, independente da idade, é agir como os fariseus que, em nome da ordem, fecham as portas do Reino de Deus aos sedentos de paz.** Um dos graves problemas do movimento espírita dos encarnados é a impossibilidade da educação de médiuns jovens. Muitos Espíritos têm fracassado por falta de um apoio ético e competente, que os direcione para o Cristo. Acha-se normal que jovens sejam levianos em suas relações afetivas, acha-se normal o consumismo, a busca do sucesso a qualquer custo, o desperdício de horas e horas em conversas tolas e fúteis. **Contudo, os mesmos que apoiam ou aceitam a levandade, escandaliz-**

zam-se com a possibilidade da participação dos jovens nas práticas de diálogo com nosso plano. Não defendemos a participação de jovens irresponsáveis nos trabalhos de intercâmbio, bem como não defendemos a participação de adultos desequilibrados. **Avalie-se a maturidade e a moralidade, assim como fez Kardec, e não apenas o exterior, como faziam os fariseus, à época do Cristo.**

— E você, Eclésio, o que lhe chamou mais a atenção? – indaga Cairbar.

— Na verdade, foi o fenômeno da escrita com a cesta. Com isso, ficou provado, de forma incontestável, que os médiuns não moviam a cesta. Elas nem tocavam no lápis! – responde Eclésio.

— Se esse fenômeno é tão interessante, se é mais uma prova da comunicabilidade, porque foi esquecido pelo movimento espírita encarnado? – indaga o professor.

— Porque é um fenômeno do passado... – fala Astrobrito, arriscando uma resposta.

— E quem decretou isso? Fenômeno mediúnico agora tem data de validade? – pergunta o professor, com ênfase e com bom humor.

Com isso, Astrobrito se dá conta do infantil preconceito que ainda traz de sua última encarnação.

— É possível, sim, realizar esse fenômeno! Como todo fenômeno mediúnico, para ser assistido pelos bons Espíritos, ele requer um grupo moralizado e um objetivo sério. Apenas isso! Sem moralidade, vocês vivenciarão, em todos os lugares, os fenômenos mediúnicos inferiores, como o vampirismo sexual e o vampirismo dos tóxicos. Amparados por uma conduta honesta, vocês poderão vivenciar as mais variadas experiências mediúnicas, de forma saudável; inclusive a escrita indireta.

Cairbar olha para Romildo, que pergunta:

— A realização de várias experiências mediúnicas não atrairia aos centros espíritas uma multidão de curiosos e ociosos?

— O Cristo realizou centenas de experiências mediúnicas durante seus anos de missão pública. Quem chamaria o Mestre de leviano? Ele ensinou que, de acordo com o momento e o público, pode-se ter ou não uma manifestação do poder do Espírito sobre a matéria. **O argumento da segurança para ocultar a mediunidade é de origem farisaica.**

Deve-se ter elevada moral, amparo espiritual e compreensão teórica. Assim, vocês poderão vivenciar todas as experiências possíveis, que ajudem na espiritualização do ser. Não se deve, como ensinou o Cristo, na Parábola dos Talentos, enterrar os tesouros por medo de perdê-los.

— A ampliação da sensibilidade mediúcnica não poderá facilitar o contato dos Espíritos inferiores com os jovens? – pergunta Eclésio.

— Sim e não. O contato com os Espíritos inferiores é o peso que todos os encarnados têm de suportar. A sociedade de Espíritos que envolvem a Terra é predominantemente inferior. Claro, na medida em que o indivíduo se torna mais sensível, irá se dar conta dessa realidade, de forma mais patente. E isso é muito bom! Ter consciência das influências que se recebe, saber evitá-las e, ainda por cima, auxiliar os que mais sofrem é o caminho do verdadeiro cristão. Porém, quanto àqueles que ainda querem viver intensamente sua animalidade, é melhor aguardá-los nas reuniões mediúnicas de socorro, depois das décadas de expiação nas regiões inferiores. Esses poderão ser auxiliados por aqueles que optaram por se espiritualizar. Por isso, é extremamente valioso o trabalho de Allan Kardec, que resgata do cristianismo a compreensão de que existe uma escala espiritual.

— A compreensão da **Escala Espírita**, de que as individualidades possuem diferentes níveis evolutivos, não é uma descoberta de Kardec? Essa compreensão existia na época do Cristo? – pergunta Astrobrito.

— Kardec, de forma genial, entendeu e explicou em detalhes a diferença entre os diferentes níveis de evolução dos Espíritos. Porém, alguns indivíduos, no passado, tinham essa compreensão ou, pelo menos, uma intuição dessa verdade. Ensina o apóstolo João, que se iniciou na prática mediúcnica ainda adolescente, que devemos avaliar a condição evolutiva do Espírito comunicante. Vejam o que ele ensina:

“ Caríssimos, não acrediteis em todos os Espíritos, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas que se levantaram no mundo. (1 João 4:1).

Na época, a classificação dos Espíritos era menos aprofundada do

que a que fez Kardec. Para os Espíritos da terceira ordem, utilizava-se do termo “imundo” ou “impuro”; para os da segunda ordem, chamava-se “santo Espírito” ou “Espírito santo”; já os da primeira ordem eram chamados de “anjos” ou de “querubins”. Diríamos que essa carta que João escreveu aos coríntios é precursora da importantíssima Escala Espírita. **A missão de Allan Kardec, portanto, é o resgate da compreensão do verdadeiro cristianismo. O codificador foi ao mundo liderar a parte material do trabalho de implantação do Reino prometido por Jesus. Ele é o responsável pela chegada do Consolador prometido por Jesus.** O Espiritismo é o cumprimento da promessa do Cristo, registrada no Evangelho de João, no capítulo 14, versículos 16 e 26:

“ E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre. Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.

Romildo indaga:

— Qual a relação entre o Consolador e o Espírito Santo?

— Utilizo-me de um Evangelho publicado no mundo; por isso, é necessário fazer alguns esclarecimentos. Com o tempo, a classificação dos Espíritos comunicantes foi sendo alterada. Por ignorância de uns, por interesses de outros. O termo “santo Espírito” ou “Espírito santo”, que é uma classe de Espíritos, quer dizer que são os Espíritos sãos (saudáveis): são os bons Espíritos. Com o tempo, “Espírito santo” passou a ser entendido como uma individualidade. Uma “individualidade” que é parte de uma trindade, que é também uma individualidade... São as incríveis complicações teológicas. Não é bem mais simples entender a verdade, isto é, que o “Espírito santo” significa um Espírito elevado? – questiona Cairbar.

— Por que Jesus afirma que o Consolador ficará eternamente conosco? – pergunta Rivalina.

— Porque, uma vez compreendida a função sublime da mediunidade e da vivência cristã, nunca mais o ser humano se permitirá ser

dominado pela arrogância ou pelo egoísmo. Ele investirá todas as suas forças em sua espiritualização e no auxílio da espiritualização de seus irmãos. É o passo fundamental na caminhada de conquista do infinito, da paz verdadeira, do amor incondicional. Agindo assim, terá sempre a sintonia com os Espíritos elevados e crescerá espiritualmente. O Espiritismo, o cristianismo verdadeiro, estará em seu coração para sempre e, por isso, estará sempre em contato com o Cristo e com seus representantes.

— Eu não tinha noção da grandeza da missão de Allan Kardec – comenta Romildo.

— Nem você, nem a maioria dos espíritas do mundo. Ele foi escolhido por Deus para estar à frente desse processo; não apenas por sua elevada capacidade intelectual, mas, principalmente, por sua elevadíssima moralidade, por sua capacidade de amar os sofredores. **Poucos espíritas sabem, mas Kardec dedicava-se intensamente ao amparo dos mais infelizes. Muitas vezes, utilizou de seu prestígio e de sua amizade em favor de pais de família, encarcerados injustamente. Ele estava presente nos mais desagradáveis ambientes sociais, para consolar e ajudar os sofredores, além de amparar muitos pobres em sua residência.** Nunca ninguém, que lhe bateu à porta, saiu sem receber o consolo e amparo que o Mestre podia doar, o que incluía a doação poderosa de boas energias – revela o professor.

— Eu não sabia disso... Sempre pensei no codificador apenas como um estudioso! – comenta Astrobrito.

— Os pés de Kardec cruzavam os bairros mais sombrios de Paris para levar socorro a pobres desconhecidos. As mãos que organizaram a Codificação, centenas de vezes, foram estendidas aos mais sofredores, sem temor e sem preconceito – explica o professor, visivelmente emocionado, que conclui desta forma: É pena que os espíritas deem tanta atenção a médiuns e palestrantes exibicionistas. Sabem tantas histórias de falsos profetas, mas não conhecem, de fato, a vida do Codificador. **Kardec é o modelo do verdadeiro cristão.** Ele escondeu, ocultou sua grandeza e suas ações de verdadeira caridade. Apenas um interesse real e honesto poderia facultar a descoberta da real grandeza desse Espírito. É preciso moralizar-se para melhor conhecê-lo e entendê-lo. Mas, para muitos, é mais fácil ouvir histórias pagas.

Astrobrito, Rivalina, Eclésio e Romildo ouvem-no, assustados. Nesse momento, ele orienta todos a relaxarem. Uma doce melodia pode ser ouvida: é um hino, que era cantado pelos mártires cristãos na arena romana. Cairbar envolve a todos com suas energias e os conduz a uma região desconhecida pelos alunos. Patrícia o auxilia.

Do grupo, apenas Patrícia e Cairbar conhecem aquele local. Seria muito difícil descrever a beleza de um ambiente em que as formas, os materiais, as cores e os sons são infinitamente variados e, mesmo assim, transmitem profunda harmonia. Estacionam em uma espécie de parque, que exhibe belíssimas obras de arte. Seguindo a orientação do professor, os alunos aguardam, sob uma belíssima árvore, amparados por Patrícia. Ante o deslumbramento da paisagem, mal notam que o professor caminha em sua direção, conversando animadamente com alguém. Ao aproximarem-se, todos se emocionam ao identificar quem está ao lado de Cairbar: é Allan Kardec!

Ele cumprimenta cordialmente cada um, com um sorriso nos lábios, e diz:

— Sejam bem-vindos, irmãos espíritas! Sentemos na grama.

E, ao ver o espanto de todos quando ele se sentou, Kardec comenta:

— Na Terra, adorava passear pela natureza, ouvir os riachos, colher os frutos, mesmo das árvores altas...

E, sorrindo, acrescenta:

— Mas o fruto que realmente quero colher depende também de vocês.

Cairbar, com enorme expressão de felicidade, orienta:

— O codificador, generosamente, está aqui para conversar sobre as dificuldades de vocês em vivenciar o Espiritismo no mundo. Aproveitemos essa preciosa oportunidade. Nosso diálogo deverá ser sincero e fraterno. Quem começa?

Rivalina candidata-se, perguntando:

— Senhor, como posso superar a rejeição que tenho em relação à mediunidade?

O Codificador olha para ela, com carinho, e diz:

— Uma das experiências mais comovedoras que vivi na Terra foi a de possibilitar o encontro de uma mãe com o filho desencarnado. **O que nos dá verdadeira força moral não são as grandes realizações**

externas, nem as recompensas no sentido material; são as experiências que tocam o coração. Ao sentir toda a emoção daquele reencontro, comprometi-me, intimamente, a nunca desistir de ensinar a todos como santificar a faculdade mediúnica. Não se pode negar a possibilidade de consolo a quem sofre perda tão dolorosa, quando o próprio Criador nos oferece os meios de consolação.

Rivalina, emocionada, agradece, dizendo:

— Senhor, eu agora sinto o valor da mediunidade. Falarei com Eurípedes e, se ele permitir, quero ter como missão receber esse tipo de mensagem no mundo.

Kardec sorri, satisfeito.

— Senhor, meu apego ao intelectualismo me fez fracassar tantas vezes! Ajude-me! – diz Astrobrito, suplicante.

— Amigo – responde o codificador – **o saber é sempre importante quando alivia a dor e evita maiores sofrimentos, principalmente dos mais necessitados.** Os melhores médicos que conheci dedicavam-se gratuitamente aos pobres. Assim é em todos os ramos do saber. **As pessoas que devemos buscar para nosso convívio são as que mais sofrem. Não basta apenas teorizar ou participar de um trabalho social, dedicando-se por duas ou três horas semanais. A decisão de ajudar aos deserdados da sociedade é uma postura a ser vivida a cada minuto.** Busca servir na escolha e no exercício de tua profissão, e, também, antes e depois do trabalho remunerado. Assim, te libertarás do monstro do orgulho, que tantas vezes devora nossa paz.

Astrobrito, pela primeira vez, entendeu que **caridade não é esmola, nem a prática de um “hobby” semanal, em que se é bonzinho por algumas horas.**

Kardec olha Astrobrito nos olhos e conclui:

— Tenho certeza de que, se não tivesse compreendido isso, o Espírito da Verdade não teria me orientado ao longo de toda a existência.

É a vez de Romildo. Ele se sente envergonhado ante a simplicidade de Kardec. Mesmo assim, incentivado pelo olhar de Cairbar, pergunta:

— Como conseguir ser humilde, senhor?

— A humildade é conquista difícil e de muitos e muitos séculos de trabalho. **O mais importante passo é a autenticidade. Não a autenticidade agressiva, doente e destruidora, mas uma autenticidade tran-**

quila, que gera sofrimento para quem reconhece seus defeitos, e que não agride ninguém. É doloroso reconhecermos nossas limitações. É uma dor íntima ser autêntico e, às vezes, perde-se em status social; mas se ganha sempre em paz e evolução espiritual. Quando os espíritas não quiserem mais aparentar ser mais do que realmente são, as intrigas acabarão. Muitos brigam para se impor, para serem tratados como autoridades. Se aceitassem sua realidade espiritual, brigariam consigo mesmos, e não com os outros. O fingimento gera muitos conflitos íntimos e muita desarmonia nas sociedades espíritas. Sugiro que você examine, diariamente, seus defeitos e os aceite emocionalmente; assim, superará a necessidade de impor uma falsa aparência aos outros. Quando tiver um impulso de dominação, lembre-se do defeito com o qual você está lidando no momento. Assim, você rapidamente se acalmará – diz Kardec, sorrindo.

— Senhor, como superar os meus impulsos pelas sensações materiais? – indaga Eclésio.

— A predominância da matéria em relação ao Espírito é algo natural e aceitável nas primeiras fases evolutivas. No atual momento evolutivo, não é razoável que isso aconteça. Por isso, devem-se utilizar os poderosos recursos de sublimação, disponíveis na Doutrina Espírita. Infelizmente, o magnetismo ainda é pouco conhecido no movimento espírita encarnado, mas é um excelente meio para se direcionar as energias vitais para fins elevados. Utilize as faculdades medianímicas curadoras, sem interesses materiais ou da vaidade. Nada cobre e nada aceite.

Afasto-se, discretamente, do glamour e dos holofotes. **É muito mais eficaz trabalhar em condições desconfortáveis com o amparo dos bons Espíritos, do que com amplos recursos e sem amparo superior.** Um ambiente de trabalho sério lhe dará condições de educar o pensamento e espiritualizar-se.

Cairbar, delicadamente, olha para os alunos, que entendem que o tempo do encontro acabou. Todos agradecem. Kardec despede-se e diz:

— Agora que nos conhecemos, vocês podem me chamar de amigo. **O Cristo conta com cada um de nós, na última batalha para a implantação da justiça e do amor no mundo. É um trabalho longuíssimo, que está em fase de conclusão. É hora de nos sacrificarmos para**

extinguirmos a miséria moral e material no mundo. Convoquem a todos de boa fé, pois este século marca o início da colheita da obra espírita-cristã. A caridade deverá ser a meta de vivência diária de todos.

Com a saída de Kardec, todos partem, emocionados.

Ao chegar à sala, Cairbar pede que cada um escreva suas impressões sobre a personalidade de Kardec e afirma que, no futuro, esse tema será aprofundado. Após a elaboração dos textos, todos vão visitar uma grande penitenciária na Terra. “É importante vivenciar um pouco do que Kardec viveu, em seu tempo” – explica o professor.

Felipe, que tinha em mente a falsa ideia de que o codificador era um homem “sério”, quer dizer, mal-humorado e arrogante, acorda em choque. Um codificador simples, bem-humorado e profundamente caridoso. “Eu conheci Allan Kardec!” – pensa, agradecendo a Deus pelo encontro que acompanhou.

Agora, depois de haver participado do estudo do caso de Atilde e acompanhado a conversa de Allan Kardec com o grupo de recuperação, Felipe conseguiu entender o significado da verdadeira seriedade. Às vezes, demoramos para entender o óbvio. Um Espírito que teve uma das mais difíceis missões da Terra e que foi orientado pelo Cristo não poderia ser um simples intelectual mal-humorado! Não é verdade? É importante entender a grandeza de Kardec. Um dia, Felipe fará um estudo aprofundado sobre esse Espírito sublime. É um compromisso íntimo que ele assumiu, espontaneamente: preparar-se para conhecer Allan Kardec.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS: UMA FORMA DE COMPREENDER A VIDA

Felipe adormece, saindo do corpo com facilidade. O cansaço das atividades úteis sempre ajuda no desdobramento. Ele não perde tempo, elevando o pensamento a Deus, rogando proteção, e partindo para visitar Avelino, que está sentado em sua cama, chorando, decepcionado consigo mesmo. Avelino acabou de descobrir que boa parte do tempo de sua juventude foi desperdiçada em pensamentos inferiores, lazeres vazios; isso aconteceu graças a uma regressão espontânea, que fez com que ele lembrasse de toda a sua atual existência.

— Acalme-se – pede Felipe. Afinal, você ainda pode se recuperar.

— Não sei... Perdi muito tempo! Perdi muita paz. Tenho em mim perturbação e medo! – exclama Avelino.

Felipe não sabe o que dizer. Afinal, não pode mentir para o amigo. A perda de tempo é sempre um erro grave. Por outro lado, adiantaria aumentar a angústia de Avelino? Lembra-se do médium Francisco Xavier. “Quem sabe se ele não pode ajudar o Avelino? Ele falou que ajudaria os jovens!” – pensa Felipe.

Felipe convence Avelino a fazerem uma prece juntos e, enquanto oram, ele roga silenciosamente a ajuda do médium amigo. Após a prece, Felipe e Avelino ouvem alguém batendo à porta.

— Entre! – diz Avelino.

E assim entra um senhor simpático, conhecido de Felipe.

— Eu conheço o senhor... – fala Avelino, sem nada entender.

— Então seremos amigos, pois eu também conheço Nosso Senhor. – responde, com bom humor.

Ambos riem. Felipe explica, feliz:

— Avelino, durante a prece eu pedi a ajuda dele. E ele veio!

— Bem, tenho muito que conversar com nosso amigo – fala Francisco, com tranquilidade.

— Tenho que ir – fala Felipe, ao entender a situação. E, olhando para Avelino, diz: Não se preocupe, você está em ótima companhia!

— Já faz um tempo que eu queria conversar com você. Aproveitemos a oportunidade de hoje – explica o médium amigo.

Ao sair, Felipe, que já começa a entender a ação dos bons Espíritos, desconfia que a ideia de chamá-lo talvez não tenha sido só dele...

— Meu filho, apenas um problema na vida não tem solução! – inicia Francisco.

— Qual? – indaga Avelino, aflito.

Francisco sussurra algo engraçado. Ambos riem. Felipe escuta os risos de longe. “Que bom semear alegria!” – pensa.

Logo Felipe chega ao Colégio Allan Kardec. Junta-se a um grupo, que conversa animadamente junto à porta da sala. Lá estão Rivalina, Eclésio e outros.

Trocam suas impressões sobre a postura do codificador ao recebê-los, com tanto carinho e atenção. Rivalina, lembrando da orientação que recebeu, afirma:

— Quero ser médium de mensagens consoladoras para as mães em luto por seus filhos. Alessandra lhe diz:

— Pois comece o mais breve possível! Acabo de fazer o curso de psicografia e descobri que qualidade mediúnica, só com muito treino!

— Mas isso não é apenas depois que eu reencarnar? – indaga Rivalina.

— Claro que não! Você vai apenas lembrar. Improviso com Eurípedes não existe – conclui Alessandra.

— E, falando nisso, é hora de entrarmos! – fala Eclésio.

Todos entram em silêncio e mantêm a concentração. Patrícia fala:

— Sejam bem-vindos! Nosso módulo, como sabem, é direcionado ao desenvolvimento de uma compreensão mais justa da grandeza da codificação em seu aspecto científico, filosófico e, principalmente, moral. Quando o Espírito se moraliza, sua compreensão se amplia e suas limitações não geram discórdias e disputas de poder, como hoje vemos em nosso amado movimento.

Peço, agora, que acompanhem-me na prece, que tem como objetivo auxiliar na utilização da dupla vista. Vamos acompanhar uma reunião que ocorre nesse momento em uma região inferior, próxima à Terra.

Senhor dos mundos infinitos, perdoa aos que combatem a mediunidade! Eles ignoram que ela é a faculdade por excelência da solidariedade. Não entendem que é por meio dela que podemos conhecer nossos irmãos, que vivem em outras constelações. Não entendem que é por meio dela que podemos estender nossas mãos aos mais sofridos e que podemos receber o auxílio de nossos superiores. Perdoa-os por quererem limitar a fraternidade no mundo em que habitam e no universo, que é a Tua casa. Perdoa-os e inspira-nos a auxiliá-los, antes que a loucura tome conta de seus corações preconceituosos e autoritários.

Faz-se silêncio.

As energias, emanadas por Patrícia, se expandem em todo o ambiente. Após dez minutos, todos podem ver uma região inferior, envolta de energias espessas, em que se reúne um grupo de Espíritos que se apresentam como magos negros e sacerdotes de diferentes épocas. Discutem um assunto: mediunidade.

— Temos que evitar o cumprimento da profecia! – afirma um Espírito, que está à cabeceira da mesa, com voz firme e sinistra. Até agora dominamos, então não podemos entregar nossos tesouros aos tolos seguidores do Cordeiro! Não! Isso é inadmissível!

— É possível adiá-la ainda mais? – indaga um mago negro, oriundo da antiga Caldeia.

— Claro! – responde o chefe. É o “livre-arbítrio”! – diz, gargalhando

de forma estridente, e conclui: Já fizemos isso uma vez, e faremos novamente!

— Que estratégia utilizaremos? – pergunta, de maneira sagaz, P., que fora imperador romano no período de decadência do império.

— Por muito pouco não conseguimos desnaturar a horrenda doutrina! Por muito pouco! Se tivéssemos introduzido no movimento espírita a nossa “tradução” de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, já teríamos vencido! – exclama um sacerdote, com feições de lobo.

— Uma coisa é certa – diz, retomando a palavra, o chefe da reunião – a profecia não deverá ser cumprida e, se for, deverá ser sabotada, deverá ser completamente distorcida! – conclui, dando um murro na mesa.

O Espírito que está na outra cabeceira da mesa, em silêncio, como verdadeiro líder do grupo, levanta-se e, com uma voz metálica, afirma:

— Escutem! Não podemos mais adiar a realização da profecia. Os meios de comunicação já apresentam a mediunidade a milhões de pessoas em todo o mundo; não conseguimos sabotá-los o suficiente. Nossos esforços devem ser contra aqueles que podem orientar a eclosão mediúnica, que já se iniciou. Não conseguimos sabotá-los com a tradução de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, mas devemos sabotar a possibilidade da vivência mediúnica cristã no mundo! Essa é a minha ordem! Que ela se cumpra e que se aniquile quem quer que a ela contrariar!

As imagens vão sumindo e, pouco a pouco, a sala volta ao normal.

Rivalina está trêmula. Os outros disfarçam melhor, mas também estão apavorados.

Patrícia aproxima-se de Rivalina, lhe aplica um passe e orienta:

— Acalme-se.

Em seguida, indaga:

— Todos entenderam do que se tratava a reunião a que assistiram?

— Era uma reunião de líderes das trevas. Mas a que profecia eles se referiam? – fala Astrobrito.

— A profecia de Joel, que foi repetida pelo apóstolo Pedro. A profecia alerta que haverá uma explosão mediúnica no momento mais crítico da transformação da vida na Terra. A profecia nos diz:

“E acontecerá nos últimos dias – diz o Senhor – que derramarei do

meu Espírito sobre toda a carne; e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões; e os vossos velhos sonharão; e também sobre os meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão.” (Atos 2:17-18)

— Por que eles estão tão preocupados com o cumprimento dessa profecia? – indaga Romildo.

— Por que é o fim do “reinado” que eles pensam possuir no mundo. A mediunidade, bem vivida, é fonte sublime de espiritualização. Ela é estímulo poderoso da espiritualização do ser humano e da reorganização das sociedades, segundo os parâmetros superiores – responde a mestra.

— Qual a relação entre a reforma social e a mediunidade? – indaga Eclésio.

— **A compreensão da vida espiritual não é apenas útil para a realização das reuniões mediúnicas. Quando não houver mais dúvidas sobre a imortalidade, tudo mudará para melhor.** Na área científica, por exemplo, a medicina sofrerá sua mais profunda revolução. Já a filosofia, entendendo o sentido da vida, se tornará preciosa fonte de orientação para a evolução. Os homens, entendendo-se como irmãos e sabendo das consequências de suas ações, acabarão com as injustiças e com a fome e saberão valorizar a educação. A mediunidade estimulará a cristificação do indivíduo e da sociedade – explica Patrícia.

— A que se referiam quando afirmaram que “já haviam adiado uma vez”? – perguntou Astrobrito.

— O desejo dos Espíritos elevados era que, desde o cristianismo primitivo e, mais especificamente, desde o Pentecostes, a expansão da mediunidade fosse acompanhada da espiritualização do ser. A orientação espiritual poderia ter evitado as distorções do Evangelho. Porém, no uso equivocado do livre-arbítrio, os homens, em vez de cultivarem a certeza da imortalidade e evoluírem, optaram pela condenação da mediunidade e pela vivência dos prazeres inferiores – esclarece a professora.

— Então quer dizer que eles podem, mais uma vez, atrapalhar a evolução do mundo? – perguntou Rivalina.

— Não, desta vez não. Aqueles que sintonizarem com esses Espíri-

tos, certamente serão causa de muitos desgostos e problemas, mas não poderão impedir a evolução geral. Eles serão transferidos para mundos inferiores. A ordem do Cristo é definitiva: a Terra deve evoluir!

— Eu não entendi o que eles queiram dizer com a adulteração de **O Evangelho Segundo o Espiritismo** – fala Romildo.

— O objetivo desses Espíritos era fazer com o Espiritismo o que eles fizeram com o cristianismo primitivo: desenvolver uma interpretação “própria”, que levasse os espíritas encarnados a uma postura de falsa santidade, de hipocrisia. Assim, o Espiritismo não contribuiria para a evolução de ninguém. O Espiritismo é um caminho de evolução a ser vivido. É uma filosofia que orienta a vida, o dia a dia. Se eles o transformassem em apenas uma teoria de aparência de santidade, o trabalho do Cristo seria prejudicado. O Espiritismo é uma proposta de ação e de autoeducação. Ele não se cresce alimentando a falsidade – explica.

— Professora, você poderia explicar melhor esse episódio? – pede Rivalina.

— No ano de 1974, surgiu uma edição adulterada de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, com milhares de exemplares, impressos às escondidas.

— Como era essa adulteração? – pergunta Astrobrito.

— O plano das trevas, como vocês viram, é tirar a força, a autenticidade e a coragem dos adeptos da Doutrina Espírita, estimulando as posturas de “santinhos”, em que todos se tratam aparentemente como irmãos e cultivam a calúnia e a inveja nos bastidores. **Os falsos profetas mudaram os termos do Evangelho Segundo o Espiritismo para induzir a atitude artificial nos espíritas desprevenidos, que trocam a sinceridade cristã pelas palavras adocicadas, pela voz artificial e pelos gestos ensaiados.** Nessa tradução, em vez da expressão evangélica “Amai os vossos inimigos” utilizava-se, por exemplo, “Amai os que não vos amam”. Em lugar da expressão “Espíritos maus”, utilizava-se “Espíritos menos bons”. Farisaísmo puro, além de falta de preparação cultural! Uma coisa é um inimigo, outra é uma pessoa que não nos ama. E muitos, na época, aceitaram ou se calaram

ante esse plano das trevas. Estes já haviam aprendido a serem “santos artificiais”. –conclui.

— E por que as pessoas aceitaram tamanho absurdo? É muito difícil de entender... – pergunta Felipe, telepaticamente.

— Beatismo, filho da falsidade e da ignorância. Muitos amigos do movimento espírita acreditam que o artificialismo é o caminho da evolução. Assim, fogem de enfrentar as próprias imperfeições e traem o Consolador, trazido por Kardec.

— E como se concluiu esse episódio? – indaga Eclésio.

— A primeira edição foi toda vendida. Os inimigos do Cristo amam dinheiro, acima de tudo. Mas, com os esforços heroicos dos poucos cristãos verdadeiros, liderados pelo professor José Herculano Pires, evitou-se que uma segunda edição fosse impressa. Infelizmente, os envolvidos não se arrependeram em público, não tiveram coragem de reconquistar a dignidade perdida com a traição que realizaram a Kardec e ao movimento espírita brasileiro. Hoje, como vimos, a batalha se transfere para a educação mediúnica –esclarece Patrícia.

Felipe se lembra de ter visto um livro do professor Herculano sobre esse episódio. É o **Na Hora do Testemunho**, da editora Paideia. “Vou ler!” – pensa.

— Então, quando eles dizem que vão sabotar a profecia, significa que tentarão deturpar a compreensão da mediunidade pelo movimento espírita? É isso? – pergunta Astrobrito, assustado.

— Exatamente, pois uma eclosão mediúnica geral, sem a orientação segura da Doutrina Espírita, seria um grande festim para as trevas – fala a professora, olhando para cada um nos olhos. Vamos agora estudar as questões 519, 520 e 521 e um trecho do comentário do codificador em **O Livro dos Espíritos** para termos uma pálida noção do quanto a mediunidade, bem conduzida, pode auxiliar no progresso de todas as atividades terrenas:

“ 519. As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm os seus Espíritos protetores especiais?

— Sim, porque essas reuniões são de individualidades

coletivas que marcham para um objetivo comum e têm necessidade de uma direção superior.

520. Os Espíritos protetores das massas são de natureza mais elevada que a dos que se ligam aos indivíduos?

– Tudo é relativo ao grau de adiantamento, das massas como dos indivíduos.

521. Alguns Espíritos podem ajudar o progresso das artes, protegendo os que delas se ocupam?

– Há Espíritos protetores especiais e que assistem aos que os invocam, quando os julgam dignos; mas que quereis que eles façam com os que crêem ser o que não são? Eles não podem fazer os cegos verem nem os surdos ouvirem.

Os antigos haviam feito desses Espíritos divindades especiais. As Musas eram personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como designavam pelos nomes de lares e penates os Espíritos protetores da família. Entre os modernos, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países têm também seus patronos ou protetores, que são os Espíritos superiores, mas sob outros nomes.

Após a leitura, Patrícia comenta:

— A importância da mediunidade, como se verifica nessas questões, é elevadíssima, principalmente nessa hora em que se implanta na Terra o Reino do Bem, como afirma São Luís, na questão 1019 de **O Livro dos Espíritos**:

“

1.019. Poderá o reino do bem um dia realizar-se na Terra?

— O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons superarem os maus. Então eles farão reinar o amor e a justiça, que são a fonte do bem e da felicidade. É pelo progresso moral e pela prática das Leis de Deus que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Mas os

maus só a deixarão quando o homem tenha banido daqui o orgulho e o egoísmo.

A transformação da Humanidade foi predita e chegais a esse momento em que todos os homens progressistas estão se apressando. Ela se realizará pela encarnação de Espíritos melhores, que constituirão sobre a Terra uma Nova Geração. Então os Espíritos dos maus, que a morte ceifa diariamente, e todos os que tentam deter a marcha das coisas serão excluídos, porque estariam deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, cumprir missões penosas, nas quais poderão trabalhar pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo em que trabalharão para o adiantamento de seus irmãos, ainda mais atrasados. Não vedes, nessa exclusão da Terra transformada, a sublime figura do Paraíso Perdido? E, no homem que veio à Terra em condições semelhantes, trazendo em si os genes de suas paixões e os traços de sua inferioridade primitiva, a figura não menos sublime do pecado original, que se refere à natureza ainda imperfeita do homem, o qual só é responsável por si mesmo e por suas próprias faltas, e não pelas faltas dos seus pais?

Vós todos, homens de fé e de boa vontade, trabalhai, portanto, com zelo e com coragem, na grande obra da regeneração, porque colhereis centuplicado o grão que tiverdes semeado. Infelizes os que fecham os olhos à luz, pois preparam para si mesmos longos séculos de trevas e de decepções. Infelizes os que colocam todas as suas alegrias nos bens deste mundo, porque sofrerão mais privações do que os gozos que tenham tido. Infelizes, sobretudo, os egoístas, porque não encontrarão ninguém para ajudá-los a carregar o fardo das suas misérias.

São Luís

Após a leitura, Patrícia pede aos alunos que meditem por alguns

minutos para identificar os fatores emocionais que poderiam vinculá-los aos Espíritos que viram no início da aula e o que deveriam fazer para superar esses fatores.

Foi um momento de reflexão difícil, mas proveitosa.

Forma-se um círculo, e então ela propõe a seguinte pergunta:

— Que reações vocês teriam se **O Evangelho Segundo o Espiritismo** adulterado chegasse a suas mãos como espíritas encarnados?

“Não é uma pergunta fácil...” – pensa Felipe.

— Eu não teria feito nada... – admite Rivalina, corajosamente.

— E por quê? – pergunta a professora.

— Eu sempre tive medo de errar... E se eu estivesse errada, obsediada, sei lá! – responde Rivalina.

— Mas essa atitude é a correta? – insiste. Digo “correta” do ponto de vista do Evangelho de Jesus, e não de acordo com o movimento espírita encarnado.

— Acho que não... – fala Rivalina, baixando a cabeça.

— Coragem, amiga! Estamos aqui para aprender a errar menos, e não para sermos condenados – incentiva Patrícia.

Ela levanta a cabeça e fala:

— Sempre achei que eram os dirigentes e as instituições que deveriam pensar e decidir o que era certo... Sei que esse caso prova que todos temos que assumir a responsabilidade de estudar, entender e viver o Espiritismo e, quando necessário, defendê-lo desses ataques. Tenho aprendido muito aqui e tenho orado todos os dias para que eu me torne uma espírita sincera, autêntica e corajosa.

— Eu sempre fui autoritário com aqueles que não tinham status nem poder. Acho que nunca questionaria uma “autoridade” espírita, fosse ela um palestrante famoso, fosse uma instituição – diz Romildo.

— Nesse caso, você atuaria como aliado das trevas, não acha? – questiona a professora.

— Sim, sim... Eu sei. Para mim, é muito difícil arriscar minha posição de status. Aceitei muita coisa errada para não arriscar, não ser criticado...

Após breve pausa, Romildo continua, pálido:

— Eu só não imaginava que estaria me vinculando a um grupo como o que vimos... – conclui, envergonhado.

— E o que fazer para superar esse medo? – indaga Patrícia.

— Não sei... Talvez não mentir para mim mesmo; saber, de fato, quem eu sou. Aceitar-me como um Espírito imperfeito, em evolução... Às vezes penso que, para mim, seria importante saber de meus erros passados quando estiver reencarnado. Acho que assim não seria tão arrogante...

— É uma boa ideia – comenta a professora.

Eclésio, um tanto tímido, afirma:

— Não me envolveria. Sei que não tinha uma conduta honesta.

— Não é preciso ser santo para sermos espíritas sinceros; mas temos que nos esforçar, no limite de nossas capacidades. O que verificamos em nosso querido movimento é que muitos fingem ser santos e outros se esforçam para serem “demônios”, animalizando-se. É difícil saber quem erra mais! Que tal sermos homens e mulheres de bem? Pessoas que erram e que têm que lidar com impulsos inferiores, mas que são honestas para se admitirem imperfeitas e se esforçam para evoluir? Não seria mais fácil? – conclui Patrícia.

Astrobrito fala de forma honesta.

— Não me envolveria. Nunca me interessei, de verdade, pela Doutrina Espírita. Queria ser admirado, queria status, queria respeito. Não arriscaria a admiração vazia que tinha conquistado junto aos beatos espíritas para defender o Espiritismo. Por isso estou aqui, na situação de um Espírito fracassado! Sinto uma angústia constante... Que tipo de demônio serei eu, que troca os tesouros do céu pela adoração vazia?! – desabafa, entre lágrimas.

— O pior demônio de todos! – explica Patrícia. O demônio que foge de si mesmo e que encontra pessoas vazias o suficiente para a “bajulação espírita”! Agora, meu amigo, cabe a *você* exorcizar o demônio da falsidade e tornar-se um cristão corajoso. Comece deixando para trás a voz empolada, os gestos calculados e a falsa humildade.

Comece aceitando-se como um aprendiz. Cabe a você recuperar o terreno perdido para a falsidade, vivendo com autenticidade – explica Patrícia, envolvendo-o com energias de ternura.

Astrobrito chora.

É um momento de muita emoção para todos.

A atividade seguinte é muito interessante. Utilizando-se das ener-

gias do grupo, cada um forma uma cena em que não agiu com a sinceridade com que deveria. Em seguida, é convidado a alterá-la mentalmente, dando-lhe nova direção.

As cenas têm cores, sons e movimentos. O movimento espírita encarnado ainda vai demorar a entender o quanto a mediunidade é um excelente recurso pedagógico... Mas, pelo menos você, leitor, já sabe disso. E saber, meu amigo, é um bom começo.

Ao final, todos vão visitar algumas regiões inferiores em que muitos espíritas estão momentaneamente domiciliados, devido às suas escolhas. Todos ajudam. Infelizmente, são muitos. Felipe doa-se ao máximo. Os gritos de desespero o emocionam. Ele abraça a todos que pode. Desde o dia do socorro em seu quarto, ele passou a entender que a doação do amor é o melhor amparo e a melhor proteção. Ao término da tarefa, ele resolve visitar Avelino pois, ao menos em espírito, ele já pode compartilhar seu aprendizado com o amigo.

O MÉTODO CRIATIVO DE ALLAN KARDEC

Após a prece, o professor Ivan começa com as seguintes explicações:

— Boa noite, chamo-me Ivan. É com satisfação que falarei hoje sobre o método de Allan Kardec, o codificador do Espiritismo. Quando forem superados os preconceitos terrenos e for avaliada com imparcialidade a elaboração do método kardequiano, os cientistas ficarão deslumbrados com a genialidade do codificador. O método de investigação do invisível, da vida espiritual, em uma época em que imperava nas ciências o dogma materialista, querendo reduzir tudo aos sentidos físicos, é uma verdadeira revolução. E maior revolução ainda foi a utilização do diálogo questionador, da entrevista etnológica, com os Espíritos de todas as categorias, para que se elaborasse a compreensão ampla da vida espiritual. Não fosse o preconceito acadêmico, Kardec seria reconhecido como um dos nomes centrais das pesquisas científicas, pois antecipa as discussões da relação sujeito-objeto na pesquisa, superando as concepções de seu tempo, tanto das ciências físicas como das ciências sociais.

Destacaremos, na aula de hoje, a importância da compreensão do método elaborado por Kardec para as pesquisas e para as atividades espíritas, e não apenas para as reuniões mediúnicas, mas para a organi-

zação dos institutos espíritas: centros espíritas, federações e associações especializadas.

Para começar, apresento a seguinte questão: “O que diferencia Allan Kardec dos outros indivíduos que, ao longo da história, investigaram a relação com os Espíritos?”

— A relação que Kardec estabelece com os Espíritos foi científica – fala Astrobrito.

— E o que você entende por “científica”? – indaga Ivan.

— Ele não aceitou tudo que os Espíritos diziam e tratava os Espíritos assim como aos homens, pois sabia que eram os homens desencarnados e descobriu que existe uma imensa variação evolutiva entre os Espíritos – explica Astrobrito.

— Excelente! E o que possibilitou ao codificador ter essa postura e, consequentemente, elaborar um método novo para se relacionar com os Espíritos? - fala Ivan.

— O desenvolvimento científico de sua época – responde Romildo.

— É verdade. O Espiritismo só poderia aparecer quando a ciência estivesse, pelo menos, no grau de desenvolvimento do século XIX. Contudo, por que apenas Kardec conseguiu elaborar o excelente método de investigação espírita? – questiona Ivan.

Ante o silêncio de todos, explica:

— Duas características da personalidade do professor Rivail devem ser destacadas em nosso estudo: a lucidez e a criatividade. Não por acaso, ele foi denominado o “bom senso encarnado”. Sua lucidez foi desenvolvida por uma vida ética e bem-humorada.

Sabemos que ele formou dezenas de turmas, compostas por alunos pobres, que não podiam lhe pagar, para ensinar-lhes ciências naturais, francês e matemática. Além da generosidade, os hábitos simples, o equilíbrio e a coragem caracterizam a personalidade do codificador, conforme registram os biógrafos que foram seus contemporâneos. **Contudo, o que destaca Allan Kardec na história do pensamento mundial é a sua criatividade.** Pouco se conhece dos mecanismos de desenvolvimento da criatividade no movimento espírita encarnado mas, sem a inovação de método, o codificador não teria ultrapassado a obra de Swedenborg; ou seja, **sem criatividade, Allan Kardec seria o fundador de uma nova seita.** Sua criatividade foi desenvolvida pelo

desejo profundo de estimular a felicidade humana por meio da educação; por isso, preocupava-se com os métodos de ensino, com a educação intelectual e, principalmente, com a moral. **Essa é uma grande lição para nosso movimento: a criatividade que busca a fama e o sucesso material se degenera, mas a criatividade inspirada no desejo de servir é poderoso meio de realização e de aperfeiçoamento intelectual e social, conforme provou o codificador.** Quem negaria a criatividade que estrutura a criação de Deus? Há criatividade nos arranjos dos corpos materiais e nas constelações que congregam bilhões de sóis. Apenas a limitação preconceituosa não permite que se reconheça: **Kardec é o modelo de homem lúcido e criativo para a humanidade.** O método de elaboração das perguntas aos Espíritos de diversos graus evolutivos foi desenvolvido por ele sem que houvessem estudos que o orientassem. Elaborar soluções práticas e inovadoras para problemas novos e complexos é prova de extrema criatividade. Eis o que explica Kardec na Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita de **O Livro dos Espíritos**, em seu item VIII, denominado **Perseverança e Seriedade**:

“ O que caracteriza um estudo sério é a continuidade. Devemos admirar-nos de não obter respostas sensatas a perguntas naturalmente sérias, quando as fazemos ao acaso e de maneira brusca, em meio a perguntas ridículas? Uma questão complexa requer, para ser esclarecida, perguntas preliminares ou complementares. Quem quer adquirir uma Ciência deve estudá-la de maneira metódica, começando pelo começo e seguindo o seu encadeamento de idéias. Aquele que propõe a um sábio, ao acaso, uma questão sobre Ciência de que ignora os rudimentos, obterá algum proveito? O próprio sábio poderá, com a maior boa vontade, dar-lhe uma resposta satisfatória? Essa resposta isolada será forçosamente incompleta e, por isso mesmo, quase sempre ininteligível, ou poderá parecer absurda e contraditória. Acontece o mesmo em nossas relações com os Espíritos.

— Observem que o codificador utiliza-se de sua compreensão do processo de aprendizagem para ensinar como dialogar seriamente com os Espíritos. Isso pode parecer muito simples e lógico, mas é revolucionário. Nem Swedenborg, considerado o homem mais culto de seu século, nem nenhum outro sábio elaborou semelhante método! O desenvolvimento de métodos criativos por Allan Kardec tem sempre um objetivo superior. Compreendia toda a extensão da importância da Doutrina Espírita e pedia que aqueles que se dispusessem a estudá-la meditassem sobre sua amplitude e profundidade. Ainda na Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita de **O Livro dos Espíritos**, em seu item XIII, ensina:

“ Que ninguém, portanto, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; liga-se a todas as questões metafísicas e de ordem social; é todo um mundo que se abre diante de nós. Será de espantar que exija tempo, e muito tempo, para a sua realização?

— Portanto, que ninguém fale ou aja em nome do Espiritismo sem estudar e meditar sobre a codificação, para não ser chamado de leviano. Muitos assim agem criando regras, preceitos e normas não-espíritas em nome do codificador. Para Kardec, como para todos os gênios da humanidade, criatividade é conquista de um trabalho árduo e continuado.

Após breve pausa, Ivan indaga:

— Em que esses exemplos do codificador podem ajudar o movimento espírita encarnado? E em que essa compreensão poderia ter auxiliado em suas atuações como espíritas no mundo da matéria densa? Peço que se lembrem de suas atuações nas instituições espíritas em que colaboraram e identifiquem se vocês foram indivíduos lúcidos e criativos, ou apegaram-se à rotina preconceituosa, bloqueando o desenvolvimento de si mesmos e do Espiritismo.

Formam um pequeno círculo: Romildo, Rivalina, Eclésio, Astrobrito e Ivan.

Após um momento de silenciosa reflexão, Romildo inicia:

— Certa feita um grupo de trabalhadores, éticos e responsáveis,

solicitou permissão para realizar uma reunião de pesquisa mediúnica. Iniciariam estudando os efeitos físicos e estudariam outros fenômenos, conforme surgissem as orientações da equipe espiritual.

— A proposta era séria e apoiada pela espiritualidade? – indaga Ivan.

— Sim. Conhecia bem os participantes do grupo e verifiquei, por meio de dois médiuns diferentes, o apoio dos bons Espíritos.

— E, após essa verificação, o que você fez? – pergunta Ivan.

— Autorizei, mas depois proibi... – responde Romildo.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa muito desagradável? – pergunta Eclésio.

— Na verdade, não. O problema é que... Começou a dar certo! Quer dizer, aconteceram muitas experiências interessantes, mas elas não estavam sob o meu total controle! Tive inveja e, ao mesmo tempo, medo da repercussão que poderiam ter... Em nosso movimento, sempre se fala muito sem se conhecer os fatos... E, movido por inveja e por medo de ter meu nome maculado por algo não rotineiro e comum, fiz uma grande confusão e encerrei tudo! Até hoje me dói lembrar o rosto de decepção dos participantes da reunião, que não entendiam porque eu agia daquela forma...

Romildo levanta-se, quer sair correndo. É lamentável vê-lo sentir uma decepção tão grande consigo mesmo.

— Acalme-se amigo, sente. – fala Ivan.

Rivalina está pálida.

— Conte-nos a sua experiência – incentivou Ivan, olhando para ela.

— Eu sempre fui contra qualquer ideia de mudar as aulinhas da evangelização. Não estava tudo pronto e feito pelos nossos superiores? Eles deviam saber o que estavam fazendo, mesmo que as crianças não gostassem. Não era problema meu! Assim, eu transferia a minha responsabilidade sei lá para quem! Combati todas, todas as ideias de inovação que ouvia. Era contra qualquer modificação, independente de ser boa ou não. Era contra e pronto! Assim desencarnei e, quando visitei as escolas daqui, entrei em um estado de choque tão profundo que passei mais de seis meses em uma enfermaria para me recuperar...

— Mas o que aconteceu nessa visita? – perguntou Eclésio, curioso.

— Ao visitar uma escola espírita, em nosso plano, vi um Espírito,

verdadeiramente iluminado, ensinando as crianças com um método que me foi apresentado na Terra e que eu rejeitei com arrogância, sem sequer estudá-lo!¹ – diz, com voz amargurada.

Ivan, que coordenara a elaboração desse método e o transmitira ao movimento espírita, olha para ela com compaixão.

— Eu também evitei que a luz do Espiritismo alcançasse a muitos... – fala Astrobrito e continua: Elaborei um curso mediúnico em que os participantes não observariam nem vivenciariam o fenômeno mediúnico. Justifiquei essa loucura em nome da seriedade e da segurança. E muitos aceitaram! Imagine como treinar bombeiros sem ter nenhum contato com o fogo, alegando prudência?!

— E quais foram as consequências? – perguntou Ivan.

— Após muitos anos de teoria e mais teoria, muitos desistiam. Alguns se afastavam do curso, com mais medo da mediunidade do que quando começaram. Se Kardec seguisse meu método, até hoje não teríamos sequer um livro espírita! O mais doloroso é encontrar tantos médiuns fracassados em nosso plano e saber que, pelo menos em parte, eu os ajudei a se vincularem às regiões inferiores. Por isso, trabalho nas caravanas de socorro. É doloroso ser reconhecido pelos que seguiram meu método e não o método do codificador... O meu método... O meu método... – conclui Astrobrito, que não consegue mais falar.

Ivan olha para ele com carinho e diz:

— É sempre tempo de recomeçar. Anime-se que ainda há muito a fazer!

— Tornei-me o destruidor de um trabalho de cirurgia espiritual no centro que frequentava... – inicia Eclésio e continua: Não estudei o assunto a ponto de entender o que acontecia naquela atividade, mas me incomodava muito a atenção que os participantes tinham angariado no centro... Simplesmente, tudo me incomodava... Inconscientemente, eu queria era ser adorado, ter muitas pessoas comentando o que eu fazia e aquela atividade dividia as atenções... Assim comecei a falar, sutilmente, em comentários aparentemente despretensiosos, sobre o perigo da mistificação e da vaidade dos médiuns envolvidos... Tudo sem nada verificar! Gerei um clima tão hostil que os Espíritos das trevas, que odiavam o trabalho, tiveram facilidade para atuar e, no

final, fiquei como o trabalhador prudente, que evitou que um “mal maior” acontecesse! É também por esse motivo que devo trabalhar em uma atividade de cura desde a adolescência e, talvez, sofra o mal que pratiquei, vindo de algum espírita “prudente” e mal-intencionado como fui!

Ivan pede que cada um elabore um texto que expresse o que haviam aprendido ao longo de todo o curso, inclusive a mudança íntima. É o encerramento dos quatro módulos do curso de recuperação, feito por nossos amigos que, corajosamente, lutam pela reconquista de sua dignidade espiritual. Finda-se uma etapa, inicia-se outra. Felipe sente saudades das aulas conjuntas e reflete: “Será que um dia reencontrará algum deles reencarnado?” Não sabe. O importante foi o aprendizado, pois todos descobriram que só se consegue dignidade agindo dignamente, segundo as Leis de Deus. E saber disso vale muito.

Seguem os textos:

Rivalina

Quando aqui cheguei, na vida espiritual, apenas senti o pavor de mim mesma; de alguma forma, queria continuar fugindo, fugindo. Não assumi minhas responsabilidades conscienciais; embora fosse trabalhadora dedicada, não cumpri a tarefa que era meu dever: ser cristã.

Compreendo hoje que isso não é apenas executar a atividade espírita semanal, de que se gosta. Isso é tão pouco, principalmente se considerarmos o que Jesus fez por cada um de nós.

Hoje entendo que é indispensável enfrentar os próprios medos, superar os preconceitos e renunciar às falsas seguranças para se sentir verdadeiramente segura, porque a única segurança verdadeira é dada por nosso contato íntimo com o Cristo e com Deus. Todas as outras formas de segurança são precárias e vaidosas.

Mesmo sem querer pensar no assunto, tive que partir do mundo e, desesperada, perguntava-me: “Em que me agarrar? Em quem confiar?”. É fácil responder que em Deus e nos bons Espíritos; mas, na hora da morte, eu descobri que nunca tinha, de fato, confiado neles e seguido seus conselhos. Não

estava emocionalmente sintonizada com eles. Desencarnar assim é uma dor, uma angústia, que só entende quem passa.

Depois de haver passado mais de seis anos nas enfermarias espirituais, recebi a visita de meu guia espiritual, que me disse que uma nova oportunidade me seria dada, pois, apesar das minhas fugas, registrava-se a dedicação ao trabalho do Cristo. Emocionei-me ao sentir que nunca o esforço de acertar é em vão e que teria mais uma chance, antes da grande transformação. E foi assim que cheguei a este curso.

Realizei, durante o período do curso, o autodescobrimento que deveria ter vivenciado na matéria, se não tivesse pensado que o Espiritismo era apenas uma doutrina de orientação da conduta externa. Não cometam esses enganos, meus amigos! O Espiritismo é doutrina de autoconhecimento, de autorrealização e de ação nobre e destemida! Tudo daria para ter compreendido isso ainda na matéria densa. Em resumo, foi isso que aprendi.

Um último comentário, antes de encerrar. Confiem em Deus, confiem em Kardec. Não temam a mediunidade bem orientada e bem vivenciada. Muitos são os desafios da vida no mundo da matéria densa, mas a vida é breve e a mediunidade é faculdade eterna. Não devemos nos envergonhar dela, para que depois não tenhamos que nos envergonhar de nossa covardia em não servir aos propósitos de Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus.

Sua amiga, Rivalina.

Eclésio

Não falarei de meu desastroso desencarne, nem da minha experiência vinculada aos Espíritos inferiores. Resumirei essa etapa de minha vida dizendo que foi graças ao socorro abnegado de Bezerra de Menezes que hoje sou um Espírito em recuperação, que retoma a estrada que leva a Deus e que pretende nunca mais se afastar Dele, independente das dores e espinhos que existam nesse caminho.

Para mim, o fundamental desse curso foi ver como o excesso de prazeres e a vulgaridade a que me permiti foram e são desastrosos para mim. A sexualidade vivenciada de forma vulgar e animalizada entorpece os poderes espirituais, de que todos somos portadores. Contudo, não me cabe aqui “fazer sermão”, mas apenas mostrar minhas dores e fracassos, na esperança de colaborar com aqueles que querem que suas energias sublimes sejam direcionadas para uma

prática mediúnica cristã no dia a dia. Sim, meus amigos, no dia a dia! Todos os dias pode-se e deve-se orar e doar energias para os que precisam. Todos os dias podemos agir generosamente, estender a mão a alguém ou dar um sorriso. Acreditem em mim, isso é doação energética, que equilibra e amplia a mediunidade, evitando as terríveis quedas no vício que eu vivenciei.

Para aqueles que, assim como eu pensava, ainda pensam que vão “educar” a mediunidade “do seu jeito”, peço que considerem o que aqui direi. A faculdade mediúnica é integrante da natureza e, como um fenômeno natural, tem suas leis, que precisam ser consideradas. Usar a mediunidade com propósitos inferiores é cultivar a desgraça para si mesmo, na carne e fora dela. Essa é a Lei que aprendi em nosso curso.

Para encerrar, direi: nada mais bonito e grandioso do que a mediunidade vivenciada pelos verdadeiros apóstolos! A jovem Ermance Dufaux, que aqui conheci, é um exemplo a ser seguido e que me inspira. Pudessem eu transmitir o espetáculo de energias que gera uma médium educada ao receber mensagens do mais alto! Nesses momentos, todos nós, alunos do curso, sentimos a convicção de que todos os sacrifícios valem a pena para um dia podermos vivenciar fenômenos de tão extraordinária beleza! Não digo que deveis ser santos, não. Mas peço que acreditem que todo sacrifício compensa para nos aproximarmos de Deus. Sigamos Kardec: ele é nosso grande amigo que, inspirado por Jesus, nos aponta o Caminho da Vida.

Paz,

Eclésio.

Romildo

Amigos, o dono da verdade transformou-se em obediente aluno da escola de Jesus. E isso é muito bom! Abandonar a posição infeliz de mando foi, para mim, a maior vitória. Tenho paz e isso é melhor do que o exercício da falsa autoridade, seja no mundo da matéria densa ou sutil. Tanto manipulei, no passado e no seio do movimento espírita, que hoje vos digo: segui a Jesus e a Kardec. Não aceitem a “sabedoria” daqueles que impressionam pela postura artificial, que falam altivamente, mas que não sabem abraçar o criminoso, não sabem estender a mão ao que pede, não sabem ir, anonimamente, abençoar os enfermos abandonados.

Todos os que não sabem sorrir e serem fraternos, independente da posição

social que ocupem, são enfermos da alma, que carecem de compreensão e amparo. Vede Allan Kardec – lúcido, simples e bem-humorado – se quereis um modelo, aí está! Se quereis uma rota, aqui vos dou: a abnegação. Todos os que, assim como eu fazia, se autoproclamam autoridades do movimento do Consolador e não são verdadeiramente abnegados merecem vossa piedade e vossas preces, mas não vos guiar. Jesus é humilde, Kardec é simples; já os fariseus são arrogantes e complicadores. Quanto arrependimento sinto por não ter vivido estas verdades e seguido o caminho silencioso do autossacrifício. Esse é meu testemunho, esse é o meu aviso.

Romildo.

Astrobrito

Saber. Pouco vale se somos vítimas de nossa arrogância e de nossa vaidade. Meu saber, que era verdadeiro, tornou-se fonte de inumeráveis desgostos, pois servia para me exhibir, e não para viver. A angústia daquele que ama mais a opinião do mundo do que ao Cristo é terrível. Agi para agradar e ser aplaudido. Agi complicando para ser admirado, e nunca entendido. Nunca passou pela minha mente a ideia sincera de servir, de auxiliar, de amar ofertando algo de mim. Ler a codificação, ao desencarnar, foi para mim a mais dolorosa experiência. Tudo escrito de forma objetiva, tudo organizado para que todos pudessem entender os assuntos mais complexos, da melhor forma possível. E eu procurava todos os meios de complicar, de falar e escrever “difícil”, para ser cada vez mais admirado.

Amigos que amam o saber. Estudem a codificação e a maravilhosa literatura espírita, mas não se esqueçam de santificar o que aprenderam com uma vivência cristã, não percam a oportunidade de servir e não esqueçam, nunca, de que o maior é aquele que mais serve, e não aquele que mais sabe. É com lágrimas de emoção que escrevo essas linhas que, talvez, possam lhes ajudar.

Elas são para mim, amigo, o início de um longo aprendizado: aprender a servir. E disso, eu preciso muito!

Pensei em falar dos conceitos variados que aprendi sobre a mediunidade, das funções matemáticas que definem os campos magnéticos no momento da comunicação, dos aparelhos que utilizamos nas reuniões mediúnicas. Dei-me conta, contudo, de que se tudo isso é muito importante, uma só coisa é essen-

cial: aprender a servir em nome de Deus. É isso que desejo, de coração, para vocês.

Até mais, Astrobrito.

No momento da prece de conclusão, a alegria suave envolve os corações. Todos concluíram o curso com proveito! José, Cairbar e Patrícia se materializam. Ivan explica:

— Nossos amigos, apesar de estarem em outra tarefa, projetam sua imagem e tornam-se visíveis para transmitirem sua mensagem final. É uma forma de ofertarem uma mensagem para todos.

Sorrindo e irradiando muita emoção, José fala:

— *O Espírito é o escultor do destino, que atua no tempo – essa necessária ilusão para o desenvolvimento do ser imortal – e é incorruptível e inseparável da felicidade futura, que o aguarda. Desenvolver-se! Desenvolver-se emocional, intelectualmente! Desenvolver-se mediunicamente. Esse é o chamado mais profundo do psiquismo humano; sem atendê-lo, a criatura angustia-se, busca os vícios e os excessos. A voz profunda do inconsciente requer, pede e exclama: “desenvolva-te em direção a Deus”. Sem atender a essa voz, o ser, qualquer que seja a sua posição social, é um pobre coitado, perdido nas selvas das ilusões e da grosseria. Atende ao teu chamado! Não é a sociedade que te impõe, não são as convenções que te conduzem, mas o chamado da tua consciência que diz: “Serve! Serve a Deus e tudo alcançarás! Serve às paixões humanas e às suas convenções e, por mais que alcances, tudo estará perdido”.*

O Espírito tem no tempo o instrumento de sua perfectibilidade, aproveita-o tu. Supera as condicionalidades animais e sociais, sê cristão, e uma luz poderosa e serena emergirá em ti e te guiará por todo o universo, simplesmente porque aprendeste a amar. Criatura, todas as tuas obras são grandiosas apenas enquanto segues esse chamado: o chamado do Ser, a que chamas Deus, e que é a Inteligência Suprema que habita, também, em teu coração.

Paz,

José Herculano Pires

É então que Cairbar, sereno e firme, fala:

— O Evangelho está sendo pregado e anunciando o Reino. Incrédulos sorriem, pensando serem apenas uma fábula as sagradas promessas do Cristo. Teria nosso Mestre nos iludido ao falar dos tempos de transformação e da eclosão mediúnica? Não, amigos. Jesus não é o pregador da mentira, é o senhor da Verdade no mundo. Acreditem no Cristo e nada mais precisarão. Aos espíritas, digo: “Por que o medo? Por que o desânimo? Não vos advertiu o apóstolo que, no fim dos tempos da iniquidade, a caridade de muitos se esfriaria?” Não criéis pactos de acomodação e tropeço, não irmãos! Peço-vos: avalieis as vossas condutas hoje mesmo! Sois plenamente cristãos? Se a vos fosse dado, ainda hoje, encontrar o Cristo, que marcas de testemunho poderíeis lhe mostrar ante a visão de suas chagas? A quantos consolastes, a quantos perdoastes? O tempo é chegado! Infelizes daqueles que sorriem cinicamente ante os acontecimentos que anunciamos, pensando tratem-se de velhas histórias requentadas. Todos sentirão o poder do Espírito imortal, mas apenas os que amam e servem estarão em paz. Não falamos mais de séculos futuros, pois nossos prazos contam-se em décadas. O longo amadurecimento do ser atinge seu momento de eclosão e, como uma flor, ele deverá desabrochar em esplendor, espargindo o perfume da purificação; mas aqueles que optaram pela grosseria das vaidades humanas terão de dar espaço para a Civilização do Espírito em que você, eu e o Cristo viveremos em harmonia, entoando os cânticos de agradecimento e louvor por termos superado a etapa da materialidade e por prosseguirmos nas conquistas de intermináveis belezas, reservadas aos que se fizeram pequenos para que o Cristo crescesse.

Paz,

Cairbar de Sousa Schutel

É chegada a vez de Patrícia falar:

— A doçura do Cristo pede a todos os corações, enamorados do amor verdadeiro: cultiva paz em tempo de sacrifício silencioso, para que possas amadurecer teu psiquismo e alcançar, ainda nessa encarnação, os cumes possíveis de tua própria beleza interior. Não te vendas, amigo espírita, por tão pouco: pela vaidade doente, pelo prazer que te apodrece, pela usura que corrompe teu coração. Há em ti um sol, que há milênios está te aguardando, e que almeja te surpreender com a beleza que o Pai te presenteou, no momento

de tua criação. Não temas, avança em teu autoconhecimento e, com o amparo do Cristo, faremos nascer a luz que nunca se apaga em teu coração!

*Paz a todos,
Patrícia.*

Cabe a Ivan encerrar a aula:

— Amiga e amigo de mediunidade, em que depositas teus mais elevados interesses? Em que investes tuas mais preciosas energias? Em que cofre guardas teu tesouro? Em que solo plantas tuas melhores sementes? És parte da Criação, és filho de Deus, és o construtor de tua própria vida. Não penses nunca que estás fora da Obra de amor de nosso Pai; não teimes nunca contra as amorosas Leis de Deus. Amigo! Empolga-nos o coração a possibilidade de, sorrindo, aceites o trabalho no bem, esquecendo, por instantes que seja, teu egoísmo e tua vaidade, e assim dizeres, de alma enlevada: “Senhor, eis me aqui, que queres que eu faça?” Assim agindo, estaremos juntos e, um dia, na festa celestial prometida por Jesus, haveremos de beber o vinho da alegria pura e entoar as canções de paz indestrutível, que marcarão nosso futuro glorioso!

*Teu amigo e irmão,
Ivan de Albuquerque.*

Todos se abraçam, o curso encerra-se. É o início da reconquista da dignidade espiritual.

SOBRE A SÉRIE

Amigo e amiga, vamos conversar sobre a obra que você vai ler. Primeiramente, quero dizer que você é muito importante para o Grupo Marcos. Todos os nossos esforços têm apenas um único objetivo: aproximar os corações que amam o Cristo e querem O servir mais e melhor.

Dito isso, vamos falar um pouco dos autores espirituais. O coordenador espiritual de nosso grupo é o Espírito Ivan de Albuquerque. Explica-nos esse amigo que nessa série encontraremos, como no Novo Testamento, diferentes estilos literários, inclusive representações simbólicas, como as empregadas por Jesus, em suas parábolas. Ninguém, portanto, se espante ao encontrar a mediunidade representada por uma simpática senhora. Alerta-nos o amigo que o Cristo também usou de simbolismo para melhor ensinar a verdade. E esse é o objetivo: apresentar a você a grandeza da Codificação espírita e da beleza da obra de nosso Pai. Facilmente você diferenciará o ensino simbólico da realidade objetiva, como fazemos ao ler o Novo Testamento.

A coordenação das histórias é de responsabilidade de Ivan de Albuquerque e as aulas vivenciadas por Felipe, nosso personagem central, têm como autores os professores que as ministraram. Consequente-

mente, cada aula ou exposição da série *Se a Mediunidade Falasse* possui autor específico.

Destacamos aqui que expressamos, com o máximo respeito, as ideias, pensamentos e sentimentos destes amigos que colaboram conosco. Esses Espíritos amigos são os verdadeiros autores desta obra. Para eles, o que mais importa é nos estimular ao estudo e à reflexão sobre a grandiosa obra de Allan Kardec e sua aplicação em nosso dia a dia. A vaidade em aparecer não existe em seus corações e eles deixaram para nós a decisão de os identificarmos por pseudônimos ou como eram conhecidos na Terra. Após muito refletirmos – pois nomes conhecidos podem causar incômodo – decidimos apresentá-los com seus nomes verdadeiros, apenas por um único motivo: estimular você, amigo leitor, a ler e estudar suas obras. Alguns deles deixaram excelentes livros, que devem ser conhecidos por todos. Na medida do possível, citamos suas obras.

Em nosso caso, os encarnados, optamos por nos apresentarmos como Grupo Marcos. Assim, a atenção é direcionada para o conteúdo da obra, e não para especulações que podem nos distanciar dos critérios de Allan Kardec. Afinal de contas, deve-se avaliar a obra, e não os médiuns que a receberam, pois a série *Se a Mediunidade Falasse* será recebida por diversos médiuns.

Como foi recebido o livro

Vou contar um pouco a história deste livro. Quando começou a ser transmitido, pensei que fosse uma peça teatral; depois percebi que seria um livro e, em seguida, uma série... Fui percebendo isso aos poucos. Como observador atento, fui descobrindo os acontecimentos, conhecendo Felipe, suas dúvidas, medos e aventuras. **Psicografar é um ato de descoberta empolgante, de convívio com os bons Espíritos e de aprendizado cristão.** Isso aconteceu em meados de março de 2011. Como deve fazer todo médium, solicitei a mais de dez pessoas que, de fato, conhecem a Doutrina Espírita, para avaliarem a obra. Realizei ajustes e correções, além de duas revisões detalhadas com os amigos espirituais.

Não pensem os futuros médiuns que psicografar é tarefa “mágica”

ou automática. Psicografia é a transmissão de obra (literária ou não) por meio limitado (a mediunidade), o que requer atenção, análises e correções. Toda mediunidade e todo médium têm especificidades que, ora auxiliam, ora dificultam o processo de recepção. No futuro, voltaremos a essa reflexão.

Possuo a mediunidade de **psicografia intuitiva**, o que me permite estar plenamente consciente no momento em que psicografo. Muitas vezes, quando alguém me via psicografar, pensava que estava apenas escrevendo... O que, de fato, eu estava fazendo. Só que eu escrevia a história de outro escritor.

Este livro foi inteiramente psicografado em minha casa, em horários combinados com os amigos espirituais, após a preparação do ambiente espiritual com o auxílio da realização quase diária do Culto do Evangelho, o que se tornou um hábito, que mantenho de segunda a sexta-feira. Ensinam os bons Espíritos que a casa do cristão deve ser um lugar de elevada vibração espiritual. Acredito que devemos nos esforçar para atingir essa meta, apesar de nossas limitações pessoais.

Para concluir, quero falar da alegria que sentimos com nossa publicação! Sonhamos em ter contato com vocês, jovens amigos! Sabemos que muitos entenderão e se empolgarão com a proposta de nosso grupo. Sejam bem-vindos ao Grupo Marcos! Entrem em contato conosco, pois queremos multiplicar o número de amigos e de trabalhadores cristãos! Quem sabe um dia não nos conheceremos?

Acima de tudo, queremos dizer que, se este livro está em suas mãos, estamos muito felizes! Nosso sonho começa a se concretizar e convidamos você a fazer parte dele. Boa Leitura! É o desejo de todos que formam o Grupo Marcos!

CONHEÇA O GRUPO MARCOS

O Grupo Marcos é um grupo de amigos – encarnados e desencarnados, jovens e adultos, estudiosos e aprendizes – que se propõe a ser uma união de laços cristãos.

O nome “Marcos” foi escolhido em homenagem a uma encarnação de nosso dirigente espiritual, Eurípedes Barsanulfo, que ocorreu à época do Cristo.

Marcos foi um essênio, que se tornou um verdadeiro cristão. E essa história você pode conhecer no livro *A Grande Espera*, publicado pela Editora IDE (Instituto de Difusão Espírita).

Nossos Princípios

1) Todos os produtos do Grupo Marcos (livros, cursos, programas de áudio, mensagens mediúnicas etc.) são colocados à disposição de todos, de forma gratuita, em nosso site www.grupomarcos.com.br, sendo previamente autorizado a todos imprimir, copiar e divulgar;

2) As produções (mediúnicas ou não) levam apenas o nome do Grupo Marcos e dos amigos espirituais, quando for o caso;

3) Para colaborar conosco, ou caso você queria nossa ajuda, basta nos contatar;

4) Nosso maior compromisso é com a coerência, o estudo e divulgação da obra de Allan Kardec. Dentre suas obras, a Codificação e a Revista Espírita são as que norteiam o nosso trabalho;

5) Nosso compromisso específico é com a formação da Nova Geração, sem excluir ninguém de nossas atividades;

6) Nos propomos a produzir livros e programas de vídeo e áudio, ter encontros de estudo, presencial e virtual, de modo a colaborar com o movimento espírita.

Breve Nota

Os trechos citados são indicados pela equipe espiritual, cabendo a equipe encarnada a responsabilidade da tradução ou escolha da tradução. Adotamos, na maior parte das vezes, a tradução de José Herculano Pires.

COORDENADOR DO GRUPO MARCOS

Ivan Santos de Albuquerque nasceu em Brotas, estado de São Paulo, em 16/01/1918 e desencarnou em 05/04/1946, com 28 anos. Jovem dedicado ao Bem, foi espírita sincero e trabalhou intensamente em prol da Doutrina Espírita e do amparo de quem sofre. Soube sempre se sacrificar em benefício dos irmãos e familiares, como também de todos que encontrou em seu caminho. Esse amigo coordenou nossas atividades entre os anos de 2001 e 2016.

Nosso coordenador atual apresenta-se como: “O amigo espiritual de sempre.”

O Grupo Marcos tem a direção geral de Eurípedes Barsanulfo.

OUTRAS OBRAS

Série Se a Mediunidade Falasse:

1. Iniciação
2. Vampirização
3. Despertar
4. Medo e Mediunidade
5. Cristianismo e Mediunidade
6. Antes do Consolador
7. Consolador
8. Renovação Social e Imortalidade
9. Pequena Mestra
10. Aventuras de um Morto
11. Conversas com José

Meu Amigo: Eurípedes Barsanulfo

CONTATO

Tenha acesso a todos os livros de forma gratuita e, se desejar, mantenha contato conosco

Visite nosso site

WWW.GRUPOMARCOS.COM.BR

Inscreva-se em nossa lista de e-mails para ficar atualizado. Clique Aqui.

Entre em contato

GRUPOMARCOSCONTATO@GMAIL.COM

NOTES

3. O Método Criativo de Allan Kardec

1. Esse método é apresentado no livro “Reflexões Educacionais: diálogos com Ivan de Albuquerque”.

